

João PEDRO MENDES
Professor da Universidade de Brasília

CONSTRUÇÃO E ARTE
DAS
BUCÓLICAS
DE VIRGÍLIO

(com texto, tradução e notas)



Instituto Nacional do Livro



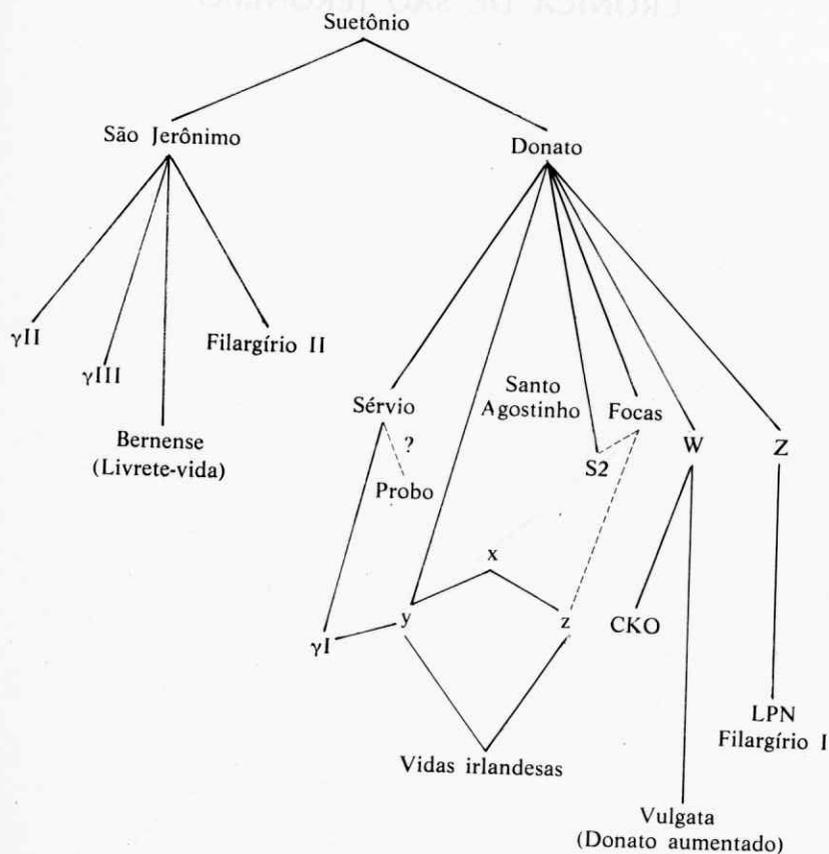
Editora Universidade de Brasília

VIDA DE DONATO
VIDA DE SÉRVIO
VIDA DE PROBO
VIDA DE FILARGÍRIO I e II
CRÔNICA DE SÃO JERÔNIMO*

* Tradução direta das edições críticas de C. HARDIE (Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1957) e de H. HAGEN, *Appendix Seruiana*, in *Seruii Grammatici qui feruntur in Vergilii Carmina Commentarii* (Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961), vol. III.

ÁRVORE GENEALÓGICA DAS VIDAS

(De acordo com H. R. Upson, "Medieval Lives of Virgil", in *Classical Philology*, XXXVIII, 1943)



LEGENDA

γI γII γIII — *Vidas gudianas*.

Vidas irlandesas — *Montepessulana, Vossiana, Noricense I, Monacense*.

x — fonte do que é específico às vidas irlandesas.

y e z — códices que a lógica exige como intermediários na formação das Vidas irlandesas.

S2 — *Vida Noricense II*.

CKO — excertos da Vida donatiana.

W e Z — dois ramos em que se divide a tradição da Vida donatiana.

LPN — códices filargirianos.

CARTA

Élio Donato a seu amigo L. Munácio, Saudações

Havendo examinado quase todos os que antes de mim foram na obra de Virgílio, empenhando-me com afincio naquela brevidade que sabia apreciars, coligi tão pouca coisa de muitos, que devo esperar mais o justo desagrado do leitor pelo fato de, conhecendo eu muitas coisas dos antigos, as ter omitido, do que haver preenchido estas páginas com inutilidades. Reconhece, pois, amiúde neste esforço colatício a voz sincera da autoridade antiga. Embora na verdade nos fosse lícito interpor nossas idéias em toda parte, preferimos na melhor boa fé conservar as próprias palavras daqueles que as proferiram. A que resultado chegamos? A isto, sem dúvida: que, juntando o que de muitos reunimos e inserida também a nossa opinião, mais nos deleitam as poucas coisas presentes do que, noutra lugar, muitas deleitam a outros. Para isso, também transpusemos os dados daqueles cujas informações aceitamos, e conseguimos os acolhimento de todos para o que selecionamos, evitando o tédio no que omitimos. Vê tu agora se chegou a bom termo o que nos prescreveras. Com efeito, se estas coisas mostram o caminho e ajudam ao gramático — como dizias — rude e que há pouco se revelou, cumprimos o que nos foi ordenado; se não, o que de nós esperavas pede-o a ti mesmo. Adeus.

CARTA

VIDA DE VIRGÍLIO

por DONATO

P. Virgílio Maro nasceu de família modesta, principalmente o pai, que alguns disseram ter sido oleiro, outros empregado de um tal Mágio, de início como *uiator* de magistrado, e depois, por ser industrial, como seu genro; e que ampliou muito os seus bens explorando bosques e criando abelhas.

Nasceu no primeiro consulado de Gn. Pompeu Magno e M. Licínio Crasso, nos Idos de outubro, numa povoação chamada Andes, não longe de Mântua. Sua mãe, na gravidez, sonhou ter dado à luz um ramo de loureiro, o qual, ao tocar o chão, ali mesmo medrou e se avantajou em forma de árvore adulta e carregada de flores e frutos variegados, e, no dia seguinte, dirigindo-se ela com o marido para o campo, apartou-se do caminho e, numa cova, teve um parto feliz. Conta-se que o menino nem chorou ao nascer e que mostrou um semblante tão suave que já então dava esperanças de mais próspero destino. E outro presságio ocorreu: a vergôntea de choupo, imediatamente fincada nesse lugar segundo o costume da região nos partos, em tão breve tempo se desenvolveu que igualou os choupos muito antes plantados; por isso, foi denominada "árvore de Virgílio", e também consagrada com a mais profunda devoção das mulheres grávidas e parturientes, que ali iam prometer e pagar votos.

A primeira infância passou-a em Cremona, até à toga viril, que recebeu aos dezessete anos de idade, sendo cônsules, pela segunda vez, os mesmos que o eram quando nascera; isso aconteceu no próprio dia em que morria o poeta, Lucrécio. Mas Virgílio passou de Cremona a

Milão e daqui, pouco depois, a Roma [a Nápoles — interpola o manuscrito Bodleiano, do séc. XV, que constitui o chamado “Donatus auctus”, prosseguindo: — onde com grande afinco se entregou ao estudo das letras gregas e latinas, aplicando-se finalmente, com desvelado empenho, à medicina e matemática. Havendo-se tornado erudito e versado mais que os outros nestas matérias, veio para Roma, onde logo travou relações de amizade com o estribeiro-mor de Augusto, tratando-lhe os cavalos de várias moléstias. Como recompensa, Augusto mandou dar a Virgílio a ração de pão de um simples estribeiro. Entretanto, presentearam os crotonenses a César com um potro de notável formosura, o qual, na opinião geral, dava esperanças de força e imensa celeridade. Olhando-o, porém, diz Maro ao estribeiro-mor que o potro nascera de égua enfermiça e que não havia de ser forte nem ligeiro. Cumpriu-se o prognóstico. Como o estribeiro-mor contasse isto a Augusto, ordenou-lhe este que dobrasse a ração de pão. Tendo sido mandados cães da Hispânia a Augusto, Virgílio notou-lhes a raça e que haviam de ser possantes e leves. Havendo sido informado disto, manda-lhe Augusto duplicar de novo a ração de pão.

Duvidava o imperador se era ou não filho de Otávio e pensou que Virgílio, por haver conhecido a raça dos cães e do potro e suas qualidades futuras, poderia satisfazer-lhe a curiosidade. Estando livres dos circunstantes, chama Virgílio à parte mais recôndita do palácio e pergunta-lhe se o conhecia, bem como ao poder que ele, imperador, possuía de fazer felizes os homens. Conheço, diz-lhe Maro, que tu, César Augusto, gozas de poder quase idêntico ao dos deuses imortais para aditares a quem te aprouver. Estou portanto disposto, tornou César, a te fazer ditoso, caso dê uma resposta veraz ao que te pergunto. Praza aos céus, diz Maro, que eu possa satisfazer-te! Responde-lhe então Augusto: Há quem pense que eu não sou filho de Otávio; que dizes? Volve-lhe Maro, rindo um pouco: É fácil explicar-to, se consentires que eu, impune, te diga meu parecer. Jura César que não haveria de levar a mal o que quer que dissesse, antes o recompensaria. Fincando seus olhos nos de Augusto, diz Maro: Os filósofos e matemáticos podem conhecer facilmente os pais, nas diferentes espécies de animais; no homem, não é possível de nenhum modo. Contudo, colho em ti uma hipótese plausível para poder conhecer qual a profissão exercida por teu pai. Augusto aguardava atento a decisão. Diz então Virgílio: Segundo o que posso coligir, tu és filho de um moleiro. César pasmou, e revolvía no espírito como tal coisa poderia acontecer. Interrompe-o

Virgílio: Escuta de que modo faço essa conjetura. Havendo eu anunciado e predito o que homens doutos em ciência podem conhecer, tu, Príncipe do orbe, mandas que seja duas vezes recompensado com rações de pão; achei, por isso, que tal proceder era próprio de moleiro ou filho de moleiro. Agradou a César o gracejo. Doravante, diz-lhe Augusto, não serás premiado por moleiro, e sim por magnânimo rei. Teve por ele grande apreço e recomendou-o a Polião].

Foi de elevada estatura, cor morena, semblante rústico, saúde caprichosa; com efeito, sofria quase permanentemente do estômago, garganta e cabeça; muitas vezes até vomitou sangue. Era parco na comida e no vinho; era dado ao prazer com meninos, [*interpolação*: todavia, os bem intencionados admitiram que ele os amava como Sócrates a Alcibiades, e Platão a seus meninos] entre os quais amou sobretudo a Cebete e Alexandre, que na segunda égloga das Bucólicas chama de Aléxis e lhe fora dado por Asínio Polião; nem a um nem a outro [deixou] sem erudição: na verdade, a Cebete fê-lo poeta [*interpolação*: e a Alexandre, gramático]. Espalhou-se que ele também frequentara Plócia Hiéria. Ascônio Pediano, porém, afirma que ela própria, sendo mais velha, costumava contar depois que, convidado por Vário para um relacionamento consigo, ele, na verdade, recusara com obstinação*.

Quanto ao resto, consta que foi tão probo de vida, linguagem e ânimo, que em Nápoles era popularmente chamado de Partênias (virgem) e se alguma vez era visto em público, em Roma, aonde raríssimas ocasiões se dirigia, escapava-se dos que o seguiam e apontavam para a casa mais próxima.

Oferecendo-lhe Augusto os bens de certo exilado, ele não quis aceitá-los. Pela liberalidade dos amigos, possuiu quase cem sestércios e teve uma casa em Roma, no Esquilino, junto aos jardins de Mecenas, se bem que desfrutasse muito do seu retiro da Campânia e da Sicília. [*interpolação*: mandava cada ano somas aos pais, com que vivessem folgadoamente.] Perdeu os parentes já adulto; destes, o pai cego, e dois irmãos inteiros, Silão ainda impúbere e Flaco já adulto, cuja morte chora sob o nome de Dáfnis.

Entre os demais estudos, dedicou-se também à medicina e sobretudo à matemática. Defendeu ainda uma causa perante os juizes, uma

* Outra versão dos códices: “porém, afirma Ascônio Pediano que ele depois dizia aos mais jovens que o convidara Vário muitas vezes a ter trato com aquela mulher, mas que ele pertinazmente recusara”.

única, e apenas uma vez; com efeito, conta Melisso que fora muito lento no discurso e dava certos ares de indouto.

Ainda menino, deu prenúncios de sua arte poética fazendo este dístico contra Balista, mestre de gladiadores, apedrejado por causa da infâmia de seus latrocínios:

Monte sub hoc lapidum tegitur Ballista sepultus;

Nocte die tutum carpe uiator iter

“Sob este montão de pedras jaz Balista;

Vai seguro, noite e dia, ó viandante”;

depois o Catalepton e a Priapéia, os Epigramas e Diras, e igualmente Cires e Cúlex, quando tinha 26 anos de idade, cujo tema é este:

Um pastor está cansado de calor; tendo adormecido à sombra de uma árvore e vindo até ele uma sêrpente, voou do pântano um mosquito e picou o pastor na testa. Este esmagou imediatamente o mosquito, matou a serpente e ergueu um túmulo ao mosquito, pondo-lhe o dístico [*Culex*, 413/14]:

Parue culex, pecudum custos tibi tale merenti

Funeris officium, uitae pro munere reddit

“Pela mercê da vida, mosquito querido,

Faz-te um guarda de rebanhos tão merecida exéquia”.

Escreveu também o Etna, sobre o qual há muitas dúvidas. Como em seguida começasse [a cantar] os feitos romanos, aborrecendo-se do assunto, passou às Bucólicas, sobretudo para celebrar Asínio, Afeno Varo e Cornélio Galo, porque, na distribuição de terras além do Pó que depois da vitória de Filipos se dividiram pelos veteranos, por ordem dos triúmviros, fizeram com que não fosse atingido; [escreveu] depois as Geórgicas em honra de Mecenas, por tê-lo socorrido, quando era ainda pouco conhecido, contra a violência de certo veterano*, por quem esteve prestes a ser morto numa alteração sobre a questão das terras.

Por último, principiou a Enéida, poema vário e múltiplice, quase à maneira das duas epopéias de Homero, além de ter em comum os nomes e os feitos gregos e latinos, e no qual se continham — o que

* Outra versão: “... contra a violência de um tal Cláudio, soldado veterano, ou como outros julgam, do centurião Ario, por quem esteve prestes a ser morto, etc.”.

era seu máximo empenho — as origens da cidade de Roma e de Augusto. Conta-se que, ao escrever as Geórgicas, costumava elaborar cada dia muitos versos, e que, no decorrer do dia, os ia emendando e reduzindo a pequeno número, dizendo, não fora de propósito, que produzia o seu poema como a urso pare o filho e depois o lambe.

Decidiu escrever a Enéida por partes, primeiro em prosa, composta e repartida em doze livros, conforme lhe aprouvesse, e sem nada retirar de sua ordem. Para não perder impulso, deixou alguns pontos inacabados, outros como que fê-los cintilar em versos de pouca monta, dos quais dizia, gracejando, estarem inseridos como espeques para escorar a obra até à chegada de sólidas colunas.

• Concluiu as Bucólicas num triênio, as Geórgicas em sete anos, a Enéida em onze*. Publicou as Bucólicas com tanto sucesso que freqüentes vezes foram representadas em cena por cantores**.

Por quatro dias seguidos leu as Geórgicas para Augusto, que regressava da vitória de Ácio e se demorava em Atela para tratamento da garganta, revezando-o Mecenas na leitura sempre que o incômodo da voz o embaraçasse. Pronunciava com suavidade e admirável encanto. Sêneca refere que o poeta Júlio Montano costumava dizer que roubaria algo a Virgílio, se pudesse: a voz, o semblante e a arte de reci-

* Acrescenta outra versão: “Induzido por Asínio Polião, terminou as Bucólicas no espaço de um triênio. Governava este a província Transpadana, por cujo favor Virgílio, sendo distribuídos os campos de Cremona e Mântua pelos veteranos de Augusto, não perdeu sua propriedade, que recuperou, havendo sido dada a Cláudio, ou a Ario. Maro amou ao extremo este Polião, e, reciprocamente amado, dele recebeu muitas dádivas. Tendo sido por ele convidado para jantar, ficou encantado com a beleza e agilidade de Aléxis, escravo do anfitrião, o qual, notando tal fato, lho ofereceu.

Virgílio estimou com grande amor a G. Asênio, filho de Polião, e a Cornélio Galo, célebre orador e não medíocre poeta, que traduziu Euforíão para latim e escreveu em quatro livros o seu amor por Citéride; e desfrutando primeiro da amizade de César, foi mais tarde supliciado por suspeitas de conjura contra ele. Virgílio levou a tal ponto seu afeto a Galo que destinou aos louvores dele o quarto livro das Geórgicas, do meio até ao final; o que depois, por ordem de Augusto, substituiu pela fábula de Aristeu.

Em sete anos concluiu as Geórgicas em Nápoles, e em doze a Enéida, uma parte na Sicília, outra na Campânia”.

** Nova interpolação: “Ouvindo Cícero alguns versos delas e compreendendo de imediato, em seu juízo profundo, que eles não eram nascidos de talento comum, mandou recitar a Égloga inteira, desde o início; tendo escutado com atenção, disse no final:

Magnae spes altera Romae!

‘És outra esperança da grande Roma!’.

considerando-se ele próprio a primeira esperança da língua latina, e que Maro seria a segunda. Virgílio incluiu depois estas palavras na Enéida”.

tar; que os mesmos versos, pronunciando-os ele, soavam bem; não sendo ele, pareciam áridos e mudos.

Tamanha foi a fama da *Enéida* apenas começada que Sexto Prócio não hesitou em proclamar:

Cedite, Romani scriptores, cedite Graii;

Nescio quid maius nascitur Iliade

“Cedei, escritores romanos, cedei, ó gregos:

Não sei se algo maior que a *Ilíada* está nascendo”.

Augusto — ausente por acaso na expedição à Cantábria — instou por cartas com rogos e também, brincando, com ameaças, para que “lhe enviasse”, segundo seus próprios termos, “as primeiras *ὑπογραφαί*” (“esboços”) ou qualquer *κῶλον* (“trecho”) do poema da *Enéida**. Contudo, muito depois, estando o poema finalmente concluído, recitou-lhe três livros inteiros, o segundo, o quarto e o sexto, mas este por uma notável preferência de Otávia que, interessada na recitação, conta-se que desmaiou e a custo foi reanimada, aos versos acerca de seu filho [*Enéida*, VI, 884]: *Tu Marcellus eris* “Tu serás Marcelo”**. Recitou-os para mais gente, mas não com freqüência e quase sempre os trechos sobre os quais hesitava, para melhor sentir a opinião das pessoas.

Conta-se que, costumando Erote, copista e liberto seu, de idade já avançada, dizer recitando dois meios versos, um dia os completou de improviso. Na verdade, onde já tinha [*Enéida*, VI, 164]: *Misenum Aeoliden* (“Miseno Eólida”), acrescentou: *quo non praestantior alter* (“que não teve rival”), o mesmo acontecendo com estoutro [*Enéida*, VI, 165]: *aere ciere uiros* (“aos varões a tuba excita”), ao qual ajuntou com idêntico ardor: *Martemque accendere cantu* (“e a Marte o canto inflama”), e imediatamente lhe ordenou que adscresse ambos ao volume***.

Aos cinquenta e dois anos de idade, para dar a última demão à *Enéida*, decidiu retirar-se para a Grécia e Ásia e passar um triênio seguido sem fazer mais que emendar [toda a obra], para consagrar o resto da vida à filosofia. Porém, como na viagem, em Atenas, encontrasse Augusto, que voltava do Oriente a Roma, e resolvesse não

* Interpolação: “Virgílio negou”.

** Acrescentam quatro códices: “Mandou dar a Virgílio dez sestércios por cada verso”.

*** Interpolação: “Emendou as *Bucólicas* e *Geórgicas*”.

afastar-se e regressar junto, enquanto foi visitar Mégara, cidade próxima, debaixo de um sol abrasador, contraiu insolação, que uma navegação direta agravou de tal forma que veio a piorar um pouco mais ao demandar Brindisi, onde faleceu alguns dias após, no undécimo dia das Calendas de outubro*, no consulado de Gn. Sêncio e Q. Lucrécio. Os seus ossos foram trasladados para Nápoles e postos num túmulo que fica na via de Puteoli, no intervalo do segundo marco miliário, e no qual fez este dístico:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc

Parthenope; cecini pascua rura duces

“Mântua me gerou, a Calábria me arrebatou, Partênope hoje me possui; cantei as pastagens, os campos, os chefes”.

Deixou como herdeiros: da metade de seus bens, Valério Prócuro, seu irmão, filho de outro pai; da quarta parte, Augusto; da duodécima, Mecenas; do restante, L. Vário e Plócio Tuca, que, após sua morte, emendaram a *Enéida* a mando de César. Disso restam os versos de Sulpício Cartaginês, do teor seguinte:

Iusserat haec rapidis aboleri carmina flammis

Vergilius, Phrygium quae cecinere duces.

Tucca uetat Variusque simul; tu, maxime Caesar,

non sinis et Latiae consulis historiae.

Infelix gemino cecidit prope Pergamon igni,

et paene est alio Troia cremata rogo.

“Ordenara Virgílio dar às velozes chamas o poema que cantava o frígio chefe. Impede-o Tuca e, ao mesmo tempo, Vário, e tu, máximo César, não permites, e zelas pela lácia história. Esteve a ponto de cair a triste Pérgamo em duplo incêndio, e noutra fogueira quase foi queimada Tróia”**.

* 21 de setembro.

** Interpolação: Também de Augusto há versos notáveis acerca do mesmo assunto. Eis o começo:

Ergone supremis potuit uox improba uerbis

Tam dirum mandare nefas? Ergo ibit in ignes

Magnaue doctiloqui morietur musa Maronis?

“Acaso pôde improba voz, nas palavras derradeiras, ordenar tão terrível crime? Irá então às chamas do doctiloquo Maro a grande Musa?”

Antes de deixar a Itália, combinara com Vário que, se algo lhe acontecesse, queimaria a Enéida; este, porém, recusara energicamente fazer tal; por isso é que, no último alento, manifestou com insistência o desejo de queimá-la ele próprio; mas ninguém se ofereceu, nem sequer designado pelo nome, para cuidar disso. E assim legou seus escritos ao próprio Vário e, ao mesmo tempo, a Tuca, sob condição de nada publicarem que por ele não houvesse sido publicado. Todavia, por ordem de Augusto, publicou-os Vário, mas com tão ligeiros retoques que até mesmo os versos inacabados deixou como estavam; muitos logo tentaram suprimi-los, mas não conseguiram superar a dificuldade em virtude de quase todos os hemistíquios, em sua obra, terem sentido absoluto e completo, à exceção deste — *Quem tibi iam Troia [Enéida, III, 340]*. Dizia o gramático Niso ter ouvido aos antigos que Vário mudou a ordem de dois livros, de modo que o que então era segundo transferiu-o para terceiro lugar; e que também corrigiu o início do livro primeiro, eliminando estes versos:

*Ille ego qui quondam gracili modulatus auena
carmen et egressus siluis uicina coegi,
ut quamuis auido parerent arua colono,
gratum opus agricolis, at nunc horrentia Martis —
arma uirumque cano.*

“Eu, que outrora cantei em delicada aveia e, saindo dos bosques, os vizinhos campos fiz obedecer ao ávido colono, agradável tarefa de lavradores, canto agora de Marte as armas eriçadas e o herói”.

Nunca faltaram detratores a Virgílio, nem é para admirar; na realidade, nem sequer a Homero. Publicadas as Bucólicas, um tal de Numitório escreveu as *Antibucólicas*, apenas duas églogas, mas insípidas paródias (*παρωδήσας*); eis o começo da primeira:

E logo a seguir:

*Sed legum seruanda fides: suprema uoluntas
Quod mandat, fierique iubet, parere nece:se est?
Frangatur potius legum ueneranda potestas,
Quam tot congestae noctes, diesque labores
Hauserit una dies. Etc.*

“Mas a fé das leis deve ser guardada? Será preciso obedecer ao que ordenam as últimas vontades? Quebre-se antes das leis o poder sagrado Do que um só dia consuma tantas noites amontoadas e Tantos dias e canseiras”. Etc.

Tityre, si toga calda tibi est, quo tegmine fagi?

“Se com a toga tens calor, por que, ó Titiro, te pões à sombra da faia?”

e da segunda:

Dic mihi Damoeta: “cuium pecus” anne Latinum?

Non. Verum Aegonis nostri, sic rure loquuntur

“Diz-me, Dameta: ‘de quem é o gado’ acaso é latino?”

Não. Mas sim do nosso Egão; assim se fala no campo”.

Acrescentou outro, recitando [este passo] das *Geórgicas*, I, 299: *Nudus ara, sere nudus* (“despido lavra, despido semeia”): *habebis frigore febrem* (“com frio terá febre”).

Há também contra a Enéida o livro de Carvílio Pictor intitulado *Aeneidomastix* (“Azorrague da Enéida”). M. Vipsânio chamava-o de insinuado por Mecenas, de autor de nova e afetada imitação, não empolada nem chã, mas feita de palavras comuns, e portanto disfarçada. Herênio só lhe notou os vícios, e Perélio Fausto os plágios. Mas também os oito volumes de Q. Otávio Avito — *Ὅμοιοτήτων* (“Seme-lhanças”) — contêm os versos que ele teria trasladado, e donde. Ascônio Pediano, no livro que escreveu contra os detratores de Virgílio, muito poucas objeções lhe faz, e quase só de história e de haver tomado muitas coisas de Homero; mas diz que ele costumava defender-se assim desta acusação: “Por que não tentaram eles também os mesmos plágios? Haveriam de entender então que é mais fácil furtar a maçã a Hércules do que um verso a Homero; e que, finalmente, decidiu retirar-se da questão a fim de que tudo contribuísse para saciar os malévolos”^{*}.

* Prosseguem as versões mais tardias: “Conta ainda Pediano que ele (o poeta) fora benévolo e amador de todos os bons e doutos; que nunca foi invejoso, de tal forma que, sabendo de algum dito sensato, não se alegrava menos do que se fora ele próprio a proferi-lo; que a ninguém censurou; que elogiou os bons; e que era tão humano que todos, exceto os malvados, não somente o estimavam mas também o amavam. Nada possuía que fosse exclusivamente seu; sua biblioteca não lhe pertencia mais que aos outros doutos, e amiúde repetia a sentença de Eurípides: ‘Os bens dos amigos são comuns’”. Teve por companheiros todos os poetas do seu tempo, de forma que, existindo inveja no meio deles, todos procuraram seu convívio: Vário, Tuca, Horácio, Galo, Propércio. Conta-se que Anser, por ter seguido o partido de Antônio, não pertencia ao seu círculo. Cornifício, por ser de má índole, não pôde suportar-lhe a virtude. Foi um autêntico desdenhador da glória. Quando alguém lhe mandava versos que cumprissem sua função, não apenas não tinha ciúmes, mas até ficava em grande júbilo. Sucedeu chover copiosamente todas as noites

e clarear pela manhã durante os espetáculos que Augusto ordenara: compôs então um dístico, no qual fez encômios e desejou felicidade ao imperador, afixando-o nas portas do palácio, sem nome de autor. Dizia assim:

Nocte pluit tota, redeunt spectacula mane:

Diuisum imperium cum Ioue Caesar habet

“Chove a noite inteira, voltam de manhã os jogos:

Com Júpiter divide César o império”.

Querendo saber Augusto, durante muito tempo, de quem eram esses versos, não pôde encontrar o autor; contudo, um tal Batilo, poeta medíocre, como visse os outros calados, diz que é ele. Foi por isso honrado e premiado por César. Virgílio não suportou e, nas mesmas portas, afixou os seguintes inícios de verso:

Sic uos non uobis...

Sic uos non uobis...

Sic uos non uobis...

Sic uos non uobis...

“Assim vós, não para vós...

Assim vós, não para vós...

Assim vós, não para vós...

Assim vós, não para vós...”

Procurava Augusto quem completasse estes versos. Como os demais fossem em vão solicitados, Virgílio, a quem foram propostos, assim os concluiu:

Hos ego uersiculos feci; tulit alter honores.

Sic uos non uobis nidificatis, aues.

Sic uos non uobis uellera fertis, oves.

Sic uos non uobis mellificatis, apes.

Sic uos non uobis fertis aratra, boues.

“Estes versinhos eu os fiz; as honras outro as levou.

Assim vós, não para vós, fazeis ninho, aves.

Assim vós, não para vós, produzis lã, ovelhas.

Assim vós, não para vós, fabricais mel, abelhas.

Assim vós, não para vós, puxais o arado, bois.”

Desfeito o equívoco, foi Batilo por certo tempo a fábula de Roma. Maro, entretanto, foi exaltado.

Um belo dia, tinha Ênio nas mãos e alguém lhe perguntou o que estava fazendo com ele; respondeu que separava o ouro da escória de Ênio. De fato, aquele poeta tem sublimes sentenças sob palavras mal ataviadas.

Perguntou-lhe Augusto de que formas se governaria bem uma cidade; respondeu: — Se os mais sensatos tiverem nas mãos as rédeas do poder e os bons forem preferidos aos maus; deste modo terão honras os bons, e aos outros nenhuma injúria se fará. Diz-lhe Mecenas: — Virgílio, do que não se pode o

homem saciar? — A abundância de tudo, responde, enche o estômago, exceto do saber. Mais lhe perguntou: — De que maneira é que uma pessoa pode conservar grande e feliz fortuna? — Se ela se empenhar, respondeu, em sobrepujar os outros em liberalidade e justiça na mesma medida em que é mais rica de honras e bens.

Costumava dizer que nenhuma virtude era tão conveniente ao homem como a paciência, e que nenhuma desdita era tão amarga que, por meio de sábia prudência, o varão forte a não pudesse vencer. Deste modo, inseriu a sentença seguinte no canto V da *Enéida*:

Nate dea, quo fata trahunt retrahuntque [sequamur;

Quidquid erit, superanda omnis fortuna ferendo est

“Filho de uma deusa, prossigamos o caminho para onde nos impelem
[e repelem os fados;

Aconteça o que acontecer, pode-se triunfar sempre da fortuna
[suportando-a”.

(vv. 709-10)

Contando-lhe certo amigo as maledicências e malquerenças que Cornifício lhe votava, pergunta ele: — Qual pensas ser o motivo dessas maledicências? Jamais ofendi a Cornifício; ao contrário, tenho-lhe afeição. Acaso não te lembraras da sentença de Hesíodo de que o arquiteto tem inveja do arquiteto, e o poeta do poeta?*

Aquele grego falava dos maus, pois os bons amam os mais doutos. Porém, tenho em mãos decente e gloriosa vingança: com maior afinco me aplicarei à virtude, a fim de que, sendo eu nela mais brilhante, estoure ele de mais intensa inveja.

Pertencia ao círculo de Augusto um certo Filisto, orador e mediocrementemente instruído na arte poética, de vário e múltiplice engenho, esforçado em censurar todos os dizeres de todos, não para discernir do erro a verdade, e sim para dar ares de mais erudito. Fosse onde fosse, vexava Virgílio com maledicências e pilhérias mordazes. A maioria das vezes Maro se retirava sem responder, ou permanecia calado cheio de rubor. Um dia, na presença de Augusto, disse-lhe que não tinha língua pois, se a tivesse, defenderia sua causa. — Cala-te, rábula, torna-lhe Virgílio; este meu silêncio entrega a defesa da minha causa a Augusto e a Mecenas; com esta trombeta, digo quando quero o que em toda a parte e por longo tempo será ouvido; tu, porém, com essa verborrêia, ofendes não apenas os ouvidos dos homens mas até mesmo as paredes. Então

* O texto de Hesíodo [*Trabalhos e Dias*, 25-26] diz literalmente:

*καὶ κεραμεὺς κεραμῆ κοτέει καὶ τέκτωνι τέκτων,
καὶ πτωχὸς πτωχῷ φθονεῖ καὶ αἰοιδὸς αἰοιδῷ.*

“O oleiro tem inveja do oleiro, o carpinteiro do carpinteiro, o mendigo do mendigo, o aedo do aedo”. (N. T.)

Augusto, com ar severo, repreendeu Filisto. Diz Maro, por sua vez: — O César, se este conhecesse a ocasião de ficar calado, raras vezes falaria; há que manter-se calado, salvo quando o silêncio te ofenda ou o discurso aos outros aproveite. Aquele que contende sem conhecer a utilidade do objetivo da contenda ajuntam-no os sábios ao número dos loucos.

Havendo Augusto desfrutado já do sumo império, ocorreu-lhe se conviria suprimir a tirania, confiando todo o poder a cônsules anuais, e a república ao senado. Fazendo consultas a esse respeito, obteve pareceres diversos de Mecenas e Agripa. Este, em longo discurso, insistiu em que lhe era útil, conquanto não decoroso, largar a tirania. Mecenas, no entanto, esforçava-se por demonstrar o oposto. Vacilava o ânimo de Augusto entre as diferentes opiniões, alicerçadas em distintas razões. Indagou então de Virgílio se conviria ao cidadão privado tornar-se tirano em sua república. Eis a resposta: — A tirania sempre foi molesta, tanto aos tiranos quanto aos cidadãos, porque é forçoso viver-se em grande suspeição e temor: os tiranos, do ódio dos cidadãos, e os cidadãos, da injustiça dos tiranos; contudo, se os cidadãos tivessem algum homem justo ao qual muito estimassem, seria vantajoso à cidade se nele só ficasse o poder. Por isso, se a justiça, que hoje fazes, a fizeres sempre a todos sem consultares opiniões alheias, é conveniente a ti e ao orbe que imperes, pois de tal forma tens a benquerença de todos que te crêem um deus, e como tal te adoram. Acolhendo este parecer, conservou César a prerrogativa.

Da boca de Sirão ouviu Virgílio os preceitos de Epicuro, tendo Vário por companheiro nesta doutrina.

Conquanto inserisse nos seus livros opiniões de todos os filósofos, foi não obstante do pensar dos Acadêmicos, pois deu preferência, entre todas, às sentenças de Platão.

VIDA DE VIRGÍLIO

por SÉRVIO

Na exposição de autores, deve-se levar em conta: vida do poeta, título da obra, qualidade do canto, intenção do escritor, número de livros, ordem dos livros, explanação.

Esta é a vida de Virgílio. Seu pai chamou-se Vergílio, a mãe, Mágia; cidadão de Mântua, cidade da Venécia. Dedicou-se ao estudo das letras, em diversos lugares; na verdade, estudou em Cremona, Milão e Nápoles. Foi de costumes tão pudicos que recebeu por isso um apelido: com efeito, chamaram-no de "Parthenias". Endurecido pela vida, sofria de uma única doença; de fato, foi insensível ao prazer. Sua primeira composição é este dístico feito contra o ladrão Balista:

*Monte sub hoc lapidum tegitur Ballista sepultus:
nocte die tutum carpe uiator iter*

"Sob este montão de pedras jaz Balista;
vai seguro, noite e dia, ó viandante".

Escreveu também estes sete ou oito livros: Círis, Etna, Cúlex, Priapéia, Catalepton, Epigramas, Copa, Diras.

Depois, desencadeadas as guerras civis entre Antônio e Augusto, o vencedor Augusto deu aos seus soldados os campos dos cremonenses, por terem aderido à causa de Antônio. Como não bastassem, ajuntou-lhes os campos de Mântua, tirados não por culpa dos cidadãos mas por causa da proximidade dos cremonenses; daí o que diz nas Bucólicas:

Mantua uae miserae nimium uicina Cremonae
"Mântua demasiado próxima, ah! da infeliz Cremona".
(IX, 28)

Perdidos, por conseguinte, os campos, veio para Roma e, valendo-se da proteção de Polião e Mecenas, foi o único a obter a terra que havia perdido. Propôs-lhe então Polião que escrevesse um poema bucólico, o qual se diz ter escrito e emendado num triênio. Propôs-lhe igualmente Mecenas as Geórgicas, que escreveu e emendou em sete anos. Escreveu depois, em onze anos, a Enéida, que lhe foi proposta por Augusto, mas não a emendou nem deu a público: ordenou, por isso, ao morrer, que a queimassem. Mas Augusto, para que tão grande obra se não perdesse, mandou a Tuca e Vário que a corrigissem, com o encargo de expurgarem o supérfluo, sem, todavia, algo acrescentarem; daí o encontrarmos versículos inacabados, como:

hic cursus fuit
"Foi esta a nossa meta"

(I, 534)

e alguns retirados, como no princípio; com efeito, não começou por *arma*, mas como segue:

*Ille ego, qui quondam gracili modulatus auena
carmen, et egressus siluis uicina coegi
ut quamuis auido parerent arua colono,
gratum opus agricolis, at nunc horrentia Martis
arma uirumque cano**

e, no segundo livro, colocara alguns versos [567-588] que consta haverem sido retirados, os quais veremos quando tivermos chegado ao lugar donde foram tirados.

[Prossegue o aditamento:]

Morreu em Tarento, cidade da Apúlia. Efetivamente, quando desejou visitar Metaponto, contraiu uma doença originada pelo ardor do sol. Foi sepultado, porém, em Nápoles. Em seu túmulo figura este dístico por ele mesmo composto:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua rura duces.***

* Traduzido acima, in *Vita Donati*.

** Idem.

VIDA DE VIRGÍLIO

atribuída a PROBO

P. Virgílio Maro nasceu nos Idos de outubro, no consulado de Crasso e Pompeu, sendo sua mãe Mágia Pola e seu pai Vergílio, no lugarejo rústico de Andes, que dista de Mântua três mil passos, sendo criado com posses modestas. Mas, quando já se entregava aos maiores mestres de eloquência, vem o tempo da guerra civil, travada por Augusto contra Antônio; e primeiro [*lacuna*] após a guerra de Mutina, aos veteranos [*lacuna*] foi depois reintegrado na posse, graças a Alferno Varo, Asínio Polião e Cornélio Galo, aos quais lisonjeia nas Bucólicas; depois, por benefício de Mecenas, foi introduzido na amizade de César. Viveu por muitos anos [*lacuna*] num ócio liberal, seguindo a seita de Epicuro, desfrutando de notável concórdia e do convívio de Quintílio, Tuca e Varo. Escreveu as Bucólicas com vinte e oito anos de idade, à imitação de Teócrito; as Geórgicas, de Hesíodo e Varrão. Começou a Enéida durante a guerra da Cantábria — também esta [*obra*] com grande zelo — sendo premiado por Augusto até o montante de cem sestércios. Faleceu na Calábria, aos cinquenta e um anos, deixando como herdeiros Augusto e Mecenas e mais Próculo, seu irmão mais novo. Em seu sepulcro, que fica na via de Puteoli, lê-se este epigrama:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua rura duces.**

* Traduzido acima, in *Vita Donati*.

A Enéida foi conservada por Augusto, muito embora ele próprio dispusesse, em testamento, que nada subsistisse daquilo que não tivesse publicado, o que Sêrvio Varo testemunha neste epigrama:

*Iusserat haec rapidis aboleri carmina flammis
Vergilius, Phrygium quae cecinere duces.
Tucca uetat Variusque simul; tu, maxime Caesar,
non sinis et Latiae consulis historiae.**

* Traduzido acima, in *Vita Donati*, onde a autoria do epigrama é atribuída a Sulpício Cartaginês. Cf. p. 373.

VIDA DE VIRGÍLIO

por FILARGÍRIO

I

Virgílio Maro Mantuano teve pais modestos, principalmente o pai, que era pobre. Uns dizem-no oleiro; a maioria, empregado de um administrador; outros, de um *uiator**. De início conta-se que foi *mercennarius*** e se dedicou à exploração de matas e apicultura. Nasceu no consulado de Gneu Pompeu e Marco Licínio Crasso, no oitavo dia dos Idos***, numa povoação chamada Andes, não longe de Mântua. Sua mãe, quando grávida, sonhou ter dado à luz um loureiro, que logo ali tomou o aspecto de árvore adulta e carregada de variegados frutos e flores, tendo visto em sonhos outras coisas sobre o mesmo menino que aqui não constam.

A primeira infância passou-a em Cremona até à tomada da toga viril, que recebeu aos dezessete anos de idade, o que aconteceu no mesmo dia em que falecia o poeta Lucrécio. De Cremona passou a Milão; daí, pouco depois, a Roma. Foi de elevada estatura, de cor morena, saúde caprichosa. Com efeito, a maior parte do tempo sofria do estômago e tinha dores de cabeça, vomitou sangue puro frequentes vezes, e não teve pequena paixão por meninos próprios, mas por inclinação afetuosa, entre os quais amou sobretudo a dois, Cebete e

* Funcionário a serviço de um magistrado.

** Trabalhador por conta de outrem.

*** Falta indicação do mês.

Alexandre, ao qual na segunda bucólica chama Aléxis, que lhe foi dado por Asínio Polião. Quanto ao resto da vida, foi probo de ânimo e palavras, acima da avareza. Por isso, oferecendo-lhe Augusto os bens de certo exilado, não consentira em recebê-los. E se alguma vez em Roma, aonde se dirigia muito raramente, era visto em público, fugia dos que o seguiam e aplaudiam, para a casa mais próxima. Possuía uma casa em Roma, no Esquilino, perto dos jardins de Mecenas, conquanto utilizasse muito o seu retiro da Campânia e da Sicília. Perdeu os pais já crescido, o pai depois de cegar, e dois irmãos inteiros, Silão ainda impúbere e Flaco já adulto, cuja morte chora sob o nome de Dáfnis.

Entre os demais estudos, dedicou-se também à medicina e sobretudo à matemática, chegando a defender uma só causa perante juízes, não mais que uma vez. Efetivamente, era muito lento no discurso e como que indouto. Porém, ainda só promessa na arte poética, fez um dístico contra Balista, dono de uma escola, que ficava na Calábria, apedrejado por causa da infâmia de latrocínios. O dístico, um fecho de dois versos, chamamo-lo, em poesia, de breve sentença:

*Monte sub hoc lapidum tegitur Ballista sepultus:
Nocte die tutum carpe, uiator, iter.**

Depois escreveu Catalepton, Priapéia, Epigramas e Diras, e também Círis e Cúlex, quando tinha dezesseis anos de idade. O assunto deste é como segue: Como um pastor, fatigado pelo calor, tivesse adormecido à sombra de uma árvore e uma serpente rastejasse velozmente para ele, do pântano voou um mosquito e espetou o ferrão no pastor, entre suas duas têmporas. Ele, porém, esmagou imediatamente o mosquito, matou a serpente, levantou um túmulo ao mosquito e fez este dístico:

*Parue culex, pecudum custos tibi tale merenti
Funeris officium uitae pro munere reddit:***

Escreveu as Bucólicas a rogo de determinados cônsules, por cuja intervenção foi reintegrado na posse de sua casa e seus campos. Desencadeada a guerra civil entre Augusto e Cássio, Bruto e Antônio, cujas tropas os cremonenses acolheram contra Augusto, aconteceu que

* Traduzido acima, in *Vita Donati*.

** Idem.

este, vitorioso, ordenou aos soldados veteranos que tomassem as terras deles e, não sendo suficiente o território dos cremonenses, que os mantuanos, entre os quais estava o poeta Virgílio, perdessem a maior parte de suas terras, pelo fato de serem vizinhos dos cremonenses; mas Virgílio, sustentado pelo mérito de seus poemas, recomendado pela amizade de alguns poderosos e pela fama desses poemas, recebeu de Augusto os campos perdidos e passou logo a desfrutar do convívio afetuoso do imperador.

Em suas obras, seguiu Virgílio a diversos [poetas]. De fato, à imitação de Teócrito, poeta siciliano e siracusano, escreveu as Bucólicas em louvor de César e dos outros príncipes, a saber, Asínio Polião, Alfeno Varo e Cornélio Galo, por cujo intermédio lhe foram devolvidos os campos.

Escreveu as Geórgicas em honra de Mecenas, que lhe prestou ajuda, quando era ainda pouquíssimo conhecido. Na verdade, como Virgílio tivesse ousado resistir a um centurião veterano, este, empunhando imediatamente a espada, como soldado que era, obrigou o poeta a fugir. Mas não levou adiante a perseguição, pois Virgílio atirou-se ao rio e atravessou a nado para a outra margem.

Nas Geórgicas [imitou] a Hesíodo, que era natural da ilha de Ascra*.

Imitando a Homero, escreveu por último a Enéida em homenagem a César, a fim de ornar com seu canto as virtudes de Enéias, a cuja estirpe desejava pertencer.

Compôs num triênio as Bucólicas, que publicou com tanto êxito que eram freqüentemente recitadas no teatro por cantores. Escreveu as Geórgicas em sete anos, a Enéida em onze.

Nunca faltaram detratores a Virgílio, nem é de admirar, pois nem sequer a Homero, tanto mais que de Homero tomou muitas coisas. Por isso, como houvesse trasladado alguns versos palavra por palavra, dizia-se que ele era compilador dos antigos. Porém, costumava defender-se assim dessa acusação: Por que não tentam também eles os mesmos furtos? Haveriam de entender bem que é mais fácil arrancar a maçã [das mãos] de Hércules do que surripiar um verso a Homero.

Virgílio morreu em Brindisi no ano vigésimo quinto de Augusto, sendo cônsules Sêncio Saturnino e Lucrécio Cina. Os seus ossos, tras-

* Ascra era uma cidade grega da Beócia, ao norte do monte Helicão, quiçá no mesmo local onde hoje fica a aldeia de Pirkagi. Filargírio comete, pois, uma inexatidão atribuindo ao Ascreu a condição de insular.

ladados para Nápoles, estão sepultados no segundo miliário de Roma, com esta inscrição que ele mesmo ditara, moribundo:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua rura duces.**

Vário e Tuca, companheiros de Virgílio e Horácio, são considerados poetas ilustres, os quais emendaram depois os livros da *Enéida*, sob condição de nada suprimirem.

Já que falamos do autor, falemos agora do poema em si. Embora muitos outros [poemas] tenham sido apresentados sob alheia assinatura — e Vário fez publicações com seu nome —, não existe a mínima dúvida, no entanto, de que as *Bucólicas* são de Virgílio, principalmente quando o próprio poeta, como se temesse isso, atestou que era seu o início desta obra, dizendo noutro poema:

*Carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta,
Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi*
“Eu que toquei árias de pastores e, com a audácia da juventude,
te cantei, ó Títilo, à sombra de uma copada faia”.

(*Geórgicas*, IV, 565-6)

Bastava que se chamassem — e se chamassem corretamente — *Bucólicas* ou se provasse pelo indício de constarem com o mesmo nome em Teócrito. Mas tal argumento também deve ser demonstrado.

São três os tipos de pastores que nas *Bucólicas* ocupam lugar de honra: os mais humildes são os de cabras; um pouco mais dignificados, os de ovelhas; os de gado bovino são os mais considerados. Por conseguinte, em que grau mais conveio dar nome ao poema pastoril senão naquele que, entre quase todos os pastores, é tido como o mais excelente?

É costume indagar-se onde o poema bucólico tem sua origem. Opinam alguns que ele se originou dos lacedemônios. Efetivamente, tendo Xerxes [rei dos persas] feito a travessia para a Grécia, como as donzelas espartanas, com medo do inimigo, nem pudessem sair para a cidade nem preparar o cortejo e o coro e, segundo era costume, cuidar do altar de Diana na cidade dos pastores, para que não pas-

* Traduzido acima, in *Vita Donati*.

sassem sem religião, celebraram o mesmo uso com cânticos desarmônicos e chamaram esse canto de *Bucólico*, de *bubus* (boi).

Dizem outros que este gênero de canto foi dedicado a Diana por Orestes, que errava pela Sicília, mas o próprio canto e os pastores, no tempo em que da Cítia Táurica fugira com sua irmã, depois de furtar a imagem da deusa e escondê-la num feixe de lenha. Daí dizer-se que Diana também foi denominada *Fascelina*. Junto ao seu altar Orestes fora purificado do parricídio por sua irmã *Ifigênia*, sacerdotisa da mesma deusa.

Outros, de Apolo *Νόμιος*, quer dizer, deus pastoril, ao tempo em que apascentara os bois de Admeto; outros, de *Líber*, príncipe das *Ninfas* e dos *Sátiros*, sendo este gênero de divindades aquele a quem apraz o canto rústico. Outros, de *Mercúrio*, pai de *Dáfnis*, príncipe de todos os pastores. Julgam outros ser escrito especialmente em honra de *Pã*. A maioria [julga] que foi composto primeiro pelos *siracusanos*. Diga-se o que se disser, ficará bem provado que o poema bucólico tem origem em épocas remotas, quando se praticava a vida pastoril.

Indaga-se acerca da ordem em que Virgílio terá composto seus poemas. Naturalmente não começou por outro gênero de vida senão por aquele que foi o primeiro na terra. Na verdade, posteriormente, os campos foram cultivados e, por fim, empreendidas guerras pelos campos, o que parece Virgílio ter querido demonstrar na própria ordem de suas obras, ao cantar primeiro pastores, depois lavradores e, por último, guerreiros. Por consequência, indica nas *Bucólicas* que a vida primeiramente foi silvestre e pastoral, mostra depois nas *Geórgicas* os frutos necessários aos mortais e a descoberta do uso dos campos; igualmente, pela ambição de possuir maior extensão de terras, chegou-se às armas.

Ou, por existirem três modos de expressão, que os gregos chamam de caracteres — *tênue*, moderado, forte —, será de crer que Virgílio, notável em todo tipo de saber, pretendeu adequar as *Bucólicas* ao primeiro modo, as *Geórgicas* ao segundo, a *Enéida* ao terceiro.

A intenção do livrinho, a qual os gregos denominam *escopo*, constituiu-se à imitação do poeta Teócrito, que foi sículo e siracusano, e em homenagem a César e demais príncipes, por cuja mediação, conforme dissemos acima, recuperou sua morada e suas terras. O efeito e finalidade do poema encerra deleitação e utilidade, consoante o preceito.

É costume inquirir-se por que razão não escreveu mais que dez éclogas. O que absolutamente não deverá parecer digno de admiração, considerando-se que a variedade das cenas pastoris não pôde estender-se além desse número, pois que o próprio poeta, mais circunspecto do que Teócrito, como o próprio assunto indica, parece rezear que aquela écloga dedicada a Polião seja considerada menos rústica, quando realmente não tem isso em mira.

II

Virgílio Maro nasce num lugarejo chamado Andes, não distante de Mântua, sendo cônsules Pompeu e Crasso. Virgílio morre em Brindisi no décimo primeiro dia das Calendas de outubro, no consulado de Sêncio Saturnino e Lucrécio Cina, no ano nono do rei Ptolomeu, ao qual sucedeu Cleópatra no reino do Egito, sendo o vigésimo sexto ano do reinado de César Augusto, décimo sexto ano antes do nascimento de Cristo*. Seus ossos, trasladados para Nápoles, estão sepultados no segundo miliário de Roma, com este epitáfio, que ele próprio ditou ao morrer:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua rura duces.***

Humilde, médio, grande; física, ética, lógica; Bucólicas, Geórgicas, Enéida; natural, moral, racional; pastor, trabalhador, combatente. Física, ética, lógica por causa da natureza, por causa do costume, por causa da doutrina.

Nas suas obras imitou Virgílio diversos poetas: Homero na Enéida, ao qual seguiu, embora com longo intervalo; Teócrito nas Bucólicas, do qual não se afasta muito; Hesíodo nas Geórgicas. Foi este Hesíodo da ilha de Ascra, que para seu irmão Perses escreveu um livro que intitulou de *Ἔργα καὶ Ἡμέραι*, isto é, trabalhos e dias; seu conteúdo é a forma como devem ser cultivados os campos, e em que épocas. Tratou [o tema] com imensa arte, de tal maneira que nos deu indicações da capacidade do seu talento encurtando os pontos mais vastos e ampliando os mais concisos. Com efeito, como tivesse

* Ano 18 a.C. No Egito houve sete Cleópatras; a mais célebre morreu em 30 a.C.

** Traduzido acima, in *Vita Donati*.

coligido os escritos de Homero e Hesíodo num resumo, dividiu um só livro de Hesíodo em quatro, o que não deixa de ter justificação. De fato, toda a terra se divide em quatro partes: ou de lavra, isto é, onde se pode semear; ou de plantio, quer dizer, adequada às árvores; ou de pasto, deixada às ervas e aos animais; ou de horta, na qual há jardins convenientes às abelhas e às flores. Outros, contudo, falam erroneamente apenas de dois [livros] das Geórgicas, dizendo que o assunto é a terra, que os dois primeiros livros contêm, desconhecendo o terceiro e o quarto, que, embora não tendo geórgicas, têm que ver, no entanto, com a utilidade dos campos. Na verdade, ter animais e abelhas é aplicação rústica. Embora possamos ter agricultura nestes dois elementos. Pois a ferrã* não nasce sem cultivo e não consta que se despenda um esforço menor no amanho dos jardins em torno dos campos. E estes livros são didascálicos, pelo que é forçoso que sejam escritos para alguém. De fato, o preceito exige a figura do mestre e do discípulo. Por isso, escreve para Mecenas, assim como Hesíodo para Perses, Lucrécio para Mêmio. Decerto que os preceitos desta agricultura não se referem a todas as terras, mas apenas ao solo da Itália, especialmente da Venécia, como atesta Virgílio, que diz: Para ti vou celebrar a arte antiga**, falando da Itália.

[O que torna fecundas as searas***, o que faz gordas as terras. Colocou seara em vez de terra, assim como Eriça-se a seara de espadas**** ou espinhos. Terras gordas, como diz pouco depois: cinza, interrupção de lavra, queimada de restolho, estrumação. "Laetas" (= fecundas): pois o estrume, que está atirado pelos campos, é vulgarmente chamado de "laetamen" (= adubo).

Em qual constelação quer dizer em que época, porque as épocas se conhecem pelas constelações.]*****

Segundo aqueles que pretendem atentar mais profundamente na obra de Virgílio, eis a ordem: Virgílio compôs seus poemas consoante a ordem da vida dos mortais. Primeiro, indicou nas Bucólicas que a vida dos homens foi selvagem e pastoril; depois, mostrou nas Geórgicas

* Cevada misturada com outros cereais que se ceifa em verde para alimento dos animais; é muito popular na província portuguesa de Trás-os-Montes.

** *Geórgicas*, II, 174-75.

*** *Geórgicas*, I, 1.

**** *Enéida*, VII, 526.

***** Cf. *Anonymi Brevis Expositio Vergilii Georgicorum* (Burmmanianus G), in *Appendix Seruiana*, éd. Hermanus Hagen, p. 198.

que foram necessários aos mortais os frutos e descoberto o uso dos campos; quando a contenção pôs limites à cobiça de possuir, recorreu-se às armas. O argumento das armas, porém, levou-o a ornar com seu canto, em honra de César, as virtudes de Enéias, a cuja estirpe desejava pertencer. Assim é nos primeiros erros, que são descritos à semelhança do poema de Homero. Assim são idênticos em número e magnitude de perigos os indícios de virtude. Nos outros seis livros. [narra] donde [surgiram] na Itália os primeiros conflitos das armas, quantos povos foram levantados para a luta, quantos chefes antes da morte de Turno.

Título, causa, intenção, número, ordem, explanação. Utilidade de ler, agrado de ouvir. Modo tênue, moderado, fortíssimo: tênue nas Bucólicas, moderado nas Geórgicas, fortíssimo nos livros de Enéias.

As Bucólicas começam louvando César e os demais príncipes por cujo intermédio foram devolvidos os campos — Asínio Polião, Alfero Varo e Cornélio Galo. As Geórgicas homenageando Mecenas, que lhe deu ajuda. A Enéida, mais recente, homenageando César, que foi da linhagem de Enéias.

Escreveu as Bucólicas num triênio, as Geórgicas em sete anos, a Enéida em onze.

Argumento das Bucólicas. Tibério César Júlio e Antônio empreenderam a guerra civil contra Cássio Bruto. Por isso, os soldados do vencedor Augusto e de Antônio arrebataram os [campos] dos transpadanos, dos cremonenses e mantuanos. Por esse motivo, o campo de Virgílio foi tirado, o qual, por mando de César, Asínio Polião restituiu, em cuja honra escreveu as Bucólicas.

CRÔNICA DE SÃO JERÔNIMO

EXCERTOS REFERENTES A VIRGÍLIO, EXTRAÍDOS DE SÜETÔNIO TRANQUÍLO

1. 153 a 1. *ad Olympiada* 177.3 = 70 a.C. Nasce Virgílio Maro num lugarejo chamado Andes, não longe de Mântua, sendo cônsules Pompeu e Crasso, nos Idos de outubro.
2. 154 h 21. *ad Ol.* 180.2 = 59 a.C. (180.3 = 58 a.C., segundo outros códices) Virgílio estuda em Cremona.
3. 155 e 13. *ad Ol.* 181.4 = 53 a.C. (181.3 = 54 a.C., segundo outros códices). Recebida a toga [viril], Virgílio transfere-se para Milão e, pouco depois, dirige-se a Roma.
4. 159 h 24. *ad Ol.* 186.2 = 35 a.C. Morre na Capadócia o poeta M. Bávio, a quem Virgílio se refere nas Bucólicas.
5. 162 h 25. *ad Ol.* 186.4 = 34 a.C. Cleópatra e Antônio suicidam-se e o Egito é convertido em província romana, cujo primeiro governador é G. Cornélio Galo, sobre o qual Virgílio escreve nas Bucólicas.
6. 165 a 2. *ad Ol.* 189.2 = 23 a.C. Morre Quintílio de Cremona, íntimo de Virgílio e de Horácio.
7. 165 h 21. *ad Ol.* 190.3 = 18 a.C. Virgílio morre em Brindisi, no consulado de Sêncio Saturnino e Lucrécio Cina (= 19 a.C.). Os seus ossos, trasladados para Nápoles, são sepultados no segundo miliário de Roma com este epitáfio, que ele mesmo ditara ao morrer:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope: cecini pascua rura duces.

8. 166 e 14. *ad Ol.* 190.4 = 17 a.C. Vário e Tuca, companheiros de Virgílio e de Horácio, são considerados poetas ilustres, eles que depois emendaram os livros da *Enéida* sob a determinação de nada acrescentarem.
9. 171 e 19. *ad Ol.* 196.2 = 14 d.C. (196.3 = 15 d.C., segundo outros códices). O orador Gaio Asínio Galo, filho de Asínio Polião, do qual também Virgílio faz menção, é morto por Tibério com terríveis suplícios.

NÓTULA SOBRE O NOME DE VIRGÍLIO

O nome "Vergilius" foi certamente o original (cf. Bergk, *Philologus*, 28, p. 441; O. Crusius, *ibid.*, 65, 1906, p. 639; G. Albini, *Atene e Roma*, 1908, p. 327; P. Rasi, *Boll. Fil.*, 15, 1908-9, p. 226; R. Sabbadini, *Riv. Fil.*, 14, 7, p. 154; 15, 1908-9, p. 154).

A grafia correta em português seria "Vergílio", estabelecida em conformidade com os melhores manuscritos (*Mediceus*, *Palatinus*, *Romanus*, Suetônio-Donato, Sérvio) e a epigrafia da república e dos primeiros tempos do império (cf. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, onde José Leite de Vasconcelos coligiu "dezenas de exemplos", como afirma em *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 4.^a ed., 1966, pp. 407-08).

A prosódia dos poetas, a transliteração em grego (Βεργίλιος, Οδερίλιος) e a ortografia tradicional em português também servem de sustentação. É no séc. V d.C. que aparece a forma errônea, generalizada a partir do IX e triunfando da genuína no fim da Idade Média (cf. *Vita Monacensis*, 14-15, e *Vita Gudiana*, I, 8-9). Diga-se, por curiosidade, que foi a etimologia popular "uirgo" ou "uirga" a responsável por isso. Do poeta diz Suetônio-Donato, 11: "tam probum constat ut Neapoli Parthenias (= uirgo) uulgo appellatus sit".

Refere Leite de Vasconcelos (*op. laud.*, p. 409) que Schulze, in *Geschichte lateinischer Eigennamen*, 100-01, correlaciona *Vergilius* com *Verginia* e *Verginius*, do etrusco *vercna*.

Quanto à etimologia *uirga*, "vara", a lenda mencionada na *Vita donatiana* (v. Anexo II) é que induziu a fantasiosa explicação. No